

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA**

MICHELE GREFF DE OLIVEIRA FONSECA

**ESPAÇO ESCOLAR: UM AMBIENTE
RICO EM POSSIBILIDADES**

Porto Alegre 2010

MICHELE GREFF DE OLIVEIRA FONSECA

**ESPAÇO ESCOLAR: UM AMBIENTE
RICO EM POSSIBILIDADES**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do grau de Licenciado em
Pedagogia pela Faculdade de Educação
da Universidade Federal do Rio Grande
do Sul – FACED/UFRGS.

**Orientador (a):
Profa. Dra. Gládis Kaercher**

**Tutor (a):
Rossana Strunz Coelho dos Santos**

Porto Alegre 2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor : Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-reitora de Graduação: Profª Valquiria Link Bassani

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

**Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia –
Licenciatura na modalidade a distância/PEAD**: Profas. Rosane
Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

Dedico este trabalho a todos os que,
assim como eu, têm inquietações e
caminham em direção aos seus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço de coração...

A Deus por me oferecer esta oportunidade.

À minha mãe que sempre esteve ao meu lado, e fez de tudo para me auxiliar nesta caminhada.

Ao meu marido, pela força e apoio para que eu seguisse em frente e não desistisse.

À colega Sirlei, que horas passamos no MSN, trocando ideias.

À minha turma, a qual foi protagonista deste trabalho e me inspirou em sua realização.

Enfim, aos colegas, professores e tutores do PEAD, que contribuíram muito para a minha qualificação.

RESUMO

Sob a perspectiva da importância que possuem as Escolas de Educação Infantil na vida de quem as frequenta e a partir de uma inquietação constatada na prática em sala de aula, surgiu o questionamento sobre a influência que a organização do espaço físico tem sobre as interações e aprendizagens no contexto da Educação Infantil. Constatou-se unanimidade sobre o quanto o espaço pode propiciar ou prejudicar a principal atividade da infância: o brincar. Proporcionar um espaço adequado requer conhecimento, sensibilidade e ousadia para enfrentar as transformações necessárias.

Palavras-chave: Educação Infantil – Espaço Físico - Aprendizagem

ABSTRACT

From the perspective of the importance that they have the Nursery Schools in the lives of those who attended and from a concern noted in practice in the classroom, the question arose about the influence that the organization of physical space has on the interactions and learning in context of early childhood education. It was found unanimity on how much space can facilitate or hinder the main activity of childhood: playing. Provide adequate space requires knowledge, sensitivity and courage to face the changes needed.

Keywords: Children Education – Space - Learning

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

RS	Rio Grande do Sul
JNB	Jardim Nível B
PEAD	Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: A sala de aula antes das mudanças.....	17
Figura 2: Casinha construída pelos alunos com caixinhas de leite	18
Figura 3: Alguns alunos brincando de casinha.....	34
Figura 4: Cantinho da Leitura.....	35
Figura 5: Salão de beleza.....	35

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Quantidade de turmas da escola	14
--	----

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	8
LISTA DE FIGURAS	9
LISTA DE TABELAS	10
INTRODUÇÃO	12
1. METODOLOGIA	13
2. DESCRIÇÃO DO AMBIENTE ESCOLAR E DA TURMA	14
1.1 A escola.....	14
1.2 A turma, a rotina e a sala de aula	16
3. A INFÂNCIA SOB DIFERENTES PERSPECTIVAS.....	19
4. O BRINCAR A PARTIR DE UM ESPAÇO ORGANIZADO	22
5. O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA SEGUNDO PIAGET.....	25
6. DIFERENTES OLHARES SOBRE A PRÁTICA	29
6.1 Relatos de profissionais da Educação Infantil.....	29
6.2 Concretizando mudanças.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS.....	39
APÊNDICE A - Questões para a entrevista	41

INTRODUÇÃO

Novos e variados modelos de relações familiares caracterizam, entre outros aspectos, a sociedade contemporânea. O cuidado e a educação dos filhos, que antes eram responsabilidades exclusivas das famílias, têm sido realizados também, desde os primeiros meses de vida da maioria dos bebês, em espaços coletivos - as Escolas Educação Infantil.

Sabendo que as experiências da infância influenciam e até determinam a vida adulta, as Escolas de Educação Infantil assumem relevada importância na vida das crianças que a frequentam e é objeto de estudos e aperfeiçoamento.

Sob tal aspecto, a reflexão sobre a organização do espaço na Escola de Educação Infantil torna-se muito pertinente, pois é o cenário onde muitas interações e aprendizagens acontecem.

Busca-se, com esta pesquisa, verificar qual a influência que a organização do espaço exerce no ambiente da Educação Infantil, qual a opinião de pesquisadores e de profissionais que atuam em sala de aula.

A metodologia utilizada para a realização deste estudo encontra-se detalhada no primeiro capítulo. No segundo, far-se-á a descrição do ambiente onde foram realizadas práticas e observações; no terceiro, serão apresentadas opiniões de diferentes pesquisadores; no quarto as influências do espaço físico no brincar; no quinto, o desenvolvimento da criança segundo Piaget e no sexto as análises sobre as entrevistas e observações da prática em sala de aula.

1. METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa básica de cunho qualitativo, a qual não tem pretensão de dar respostas, mas sim, de ampliar as discussões sobre os benefícios que um espaço organizado pode proporcionar na Educação Infantil.

Para isto, realizou-se um estudo de referências bibliográficas, apresentando a opinião de diferentes autores de diferentes épocas, bem como, uma pesquisa de campo, utilizando-se como técnica de coleta de dados as observações durante o estágio curricular obrigatório, de abril a junho de 2010 e entrevistas com seis professoras da Educação Infantil do município de Sapiranga/ RS, que atuam com diferentes faixas etárias: Berçário, Maternal 1, Maternal 2, Maternal 3, Jardim A e Jardim B. No decorrer do trabalho, as entrevistadas serão mencionadas com nomes fictícios de Rosa, Jasmim, Violeta, Cravo, Margarida e Orquídea.

As entrevistas foram realizadas com a finalidade de obter informações sobre o brincar e o espaço escolar a partir da perspectiva de profissionais que atuam diariamente na Educação Infantil. Os dados coletados foram sujeitos à análise e reflexão.

Além disso, realizei modificações e implementações na sala de aula onde atuo como professora titular e registrei observações do uso que as crianças fizeram desse espaço.

Finalmente, serão confrontados os referenciais teóricos com as observações do que aconteceu na prática e com os dados obtidos com as entrevistas.

2. DESCRIÇÃO DO AMBIENTE ESCOLAR E DA TURMA

A seguir, as características da escola em que foram realizadas as observações e as práticas e, em seguida, a turma, a rotina e a sala de aula.

1.1 A escola

A Escola de Educação Infantil está situada no município de Sapiranga/RS e atende, aproximadamente, 372 crianças de classe média-baixa, divididas em 15 turmas conforme abaixo:

Tabela 1: Relação da quantidade de turmas da escola

Quantidade de turmas	Turma
2	Berçário
2	Maternal 1
3	Maternal 2
2	Maternal 3
3	Jardim A
3	Jardim B

As turmas de Jardim permanecem na escola por meio turno, têm entre 25 a 30 alunos e são atendidas por somente uma professora titular. Já os Berçários e Maternais permanecem em turno integral, também compreendem semelhante número de alunos e contam com uma professora e duas auxiliares.

O horário de funcionamento da escola é das 6.30h até às 18h.

A escola possui 62 funcionários, sendo 15 professoras, 1 secretária, 1 bibliotecária, 1 diretora, 1 coordenadora pedagógica, 14 estagiárias e 29 auxiliares

de serviços gerais, divididos nos setores cozinha, limpeza e salas de Maternais e Berçários.

O espaço é amplo. Além das treze salas de aula, há também: secretaria, sala de atividades múltiplas, refeitório, cozinha, banheiros, lavanderia e área coberta, contendo uma cama elástica, um brinquedo com escadinha e escorregador, goleiras e cestas de basquete. Há também duas pracinhas, uma para os menores (Maternal 1 e 2) e a outra para os Maternais 3 e os Jardins. Na lateral da escola, há uma caixa com pouca areia e alguns brinquedos de madeira (ponte e balanços). Ao lado da pracinha grande, tem um ótimo gramado.

No saguão, há uma piscina de bolinhas e motocicletas que são usadas pelos Berçários e Maternais 1 e 2.

Não há laboratório de informática, há apenas um computador na secretaria e outro na sala dos professores, o qual não tem internet.

Na sala de atividades múltiplas, há diversos jogos e livros e também é nesta sala que assistimos a filmes. Porém, esse espaço não é utilizado para contato com os livros.

A maioria dos pais é natural da região da fronteira oeste do RS. Migraram para região do Vale dos Sinos em busca de melhores oportunidades através do trabalho na indústria calçadista. São 53% industriários, 14% comerciantes, 9% metalúrgicos, 7% funcionários públicos, 5% autônomos e 12% atuam em outras áreas. A maioria, 43%, traz as crianças para a escola de bicicleta; 38% vêm de carro; 10% mandam os filhos pelo transporte escolar; 4% utilizam motocicleta e os 4% restantes vêm a pé.

Grande parte, 68%, mora em casa própria e 32% em casa alugada. A religião predominante é a Católica, com 52%, seguindo a Evangélica, com 25%, e outras diversas compreendendo 23%.

1.2 A turma, a rotina e a sala de aula

A turma do JNB 1 em que atuo é composta por 24 crianças, sendo 15 meninas e 9 meninos. A faixa etária das crianças é de cinco a seis anos. Há uma grande variedade nas constituições familiares dessas crianças: um terço são filhos de pais separados. Alguns moram apenas com a mãe; outros com a mãe, irmãos e padrasto; outros com a mãe e diferentes familiares. Os demais moram com ambos os pais, a maioria tendo um ou dois irmãos.

As crianças começam a chegar a partir das 6.30h e podem escolher o brinquedo que desejarem. Às 7.35h, fazemos a higiene e, em seguida, vamos ao refeitório tomar café. Retornamos para a sala e as crianças continuam brincando, pois alguns ainda chegam durante ou depois do café.

Às 8.30h, fazemos a rodinha - momento em que cantamos, verificamos quem está presente ou ausente, trocamos o calendário, definimos os ajudantes do dia, e conversamos sobre a atividade coletiva a ser realizada (dramatização, história, passeio, experiência, trabalho manual, ou outro exercício sobre o tema que estamos trabalhando).

Às 9.30h lanchamos e após escovamos os dentes.

Às 10.15 h é hora da pracinha, onde brincam livremente. Retornamos às 11h para a sala, fazemos a higiene e é chegada a hora da fruta. Enquanto esperam os pais, realizam a atividade diversificada, em que recebem três opções de jogos para brincarem nas mesinhas, por exemplo: jogos da memória, quebra-cabeças ou dominó.

A rotina geralmente ocorre desta maneira, mas pode ser alterada de acordo com o interesse ou a necessidade da turma.

Antes do estágio, a sala de aula tinha seis mesas, as quais tomavam conta de boa parte da sala de aula, restando pouco espaço livre para as crianças brincarem. Havia apenas um cantinho temático, com móveis de cozinha, e os livros ficavam fora do alcance das crianças. Já continha peças de madeira, pecinhas de encaixe, bonecas, carrinhos, bolsas, entre outros, mas havia poucos joguinhos de memória,

dominó, quebra-cabeças, lego, ábaco, alinhavos e materiais que estimulam a concentração.

Percebi que esse espaço estava restringindo a possibilidade de escolha das crianças e o desenvolvimento de sua autonomia, pois dependiam de mim para alcançar determinados brinquedos ou até mesmo os livros. Isto muitas vezes os inibia, fazendo com que deixassem de brincar e partissem para as brigas e disputas pelos poucos materiais disponíveis. Questionei-me, então, sobre a influência do espaço e da organização da sala aula no relacionamento entre as próprias crianças e com a professora – questão que motivou o presente estudo.



Figura 1: A sala de aula antes das mudanças

A partir daí, busquei informações e fui alterando esse espaço seguindo sugestões da professora orientadora. A primeira delas foi a construção do cantinho da leitura – um tapete com almofadas e uma prateleira onde os livros foram colocados ao alcance das crianças.

Outro cantinho foi o salão de beleza, muito apreciado pelas meninas. Ali disponibilizei vários acessórios como rabiós, prendedores de cabelo, escovas, pentes e maquiagens.

Tínhamos construído uma casinha de TNT, quando recebemos uma sugestão da tutora e supervisora do estágio para construirmos uma casinha com caixinhas de

leite. A sugestão foi bem vinda e, com o auxílio das famílias que contribuíram com as caixinhas, conseguimos construí-la.



Foto 2: Casinha construída pela turma com caixinhas de leite

Também foram retiradas duas mesas da sala, possibilitando um espaço mais amplo para as brincadeiras.

Pronto, a sala de aula já estava totalmente modificada, só faltava um olhar mais atencioso às necessidades das crianças sobre este espaço.

As modificações que foram realizadas não só favoreceram o envolvimento das crianças, como também transformaram o momento do brincar, deixando-o mais alegre, lúdico e desafiador.

3. A INFÂNCIA SOB DIFERENTES PERSPECTIVAS

Fazendo uma retrospectiva na história da infância, pesquisadores como Ariès e Kuhlmann Jr. mostram que foram significativas as conquistas alcançadas no que diz respeito aos direitos infantis e à consideração da infância como um período especial.

Segundo Ariès (apud ROCHA, 2002), somente a partir do século XVII, a criança deixou de ser tratada como adulto e ser obrigada, inclusive, a trabalhar e a ter uma vida produtiva. O Poder Público da época, juntamente com a Igreja, teriam contribuído para a defesa da infância.

Fatores políticos, econômicos e sociais, como o advento da industrialização, em que pai e mãe passaram a trabalhar fora de casa, trouxeram a necessidade de transferir o cuidado dos filhos, antes realizado no seio da família, para um espaço coletivo. No século XIX, Fröebel criou os primeiros Jardins de Infância, chamados na época de “Viveiros Infantis”.

Um longo caminho foi e está sendo percorrido, de forma que esse espaço de cuidar vem transformando-se também num espaço de educar, com diretrizes estabelecidas em lei. Segundo o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (1998, vol. 1, p. 21-22):

As crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas e com o meio em que vivem. O conhecimento não se constitui em cópia da realidade, mas sim, fruto de um intenso trabalho de criação, significação e ressignificação.

Para Vygotsky, (apud HORN, 2004, p.20):

O desenvolvimento humano é uma tarefa conjunta e recíproca. No caso da criança pré-escolar, o papel do adulto é o de parceiro mais experiente que promove, organiza e provê situações em que as interações entre as crianças e o meio sejam provedoras de desenvolvimento.

O professor é alguém mais experiente, que auxilia e que proporciona momentos de interações. Suas ações têm repercussão no ato educativo, mas é a criança a verdadeira construtora do seu conhecimento, na maioria da vezes, através do brincar. De acordo com Fantin (2000, p. 53):

Brincando (e não só) a criança se relaciona, experimenta, investiga e amplia seus conhecimentos sobre si mesma e sobre o mundo que está ao seu redor. Através da brincadeira podemos saber como as crianças vêem o mundo e como gostariam que fosse, expressando a forma como pensam, organizam e entendem esse mundo. Isso acontece porque, quando brinca, a criança cria uma situação imaginária que surge a partir do conhecimento que possui do mundo em que os adultos agem e no qual precisa aprender a viver.

Ao brincar, a criança vivencia diversas situações e, espontaneamente, demonstra desejos, necessidades, angústias, sentimentos. Ao mesmo tempo aprende a colaborar, respeitar, dividir, saber ouvir e aceitar o outro. Essas relações entre o grupo exercem grandes influências na personalidade de cada um. O brincar não deve acontecer somente nas horas vagas ou em momentos de espera. É a principal atividade da infância, considerada a peça chave que desencadeia muitas aprendizagens. Assim observa Chateau (apud HORN, 2004, p.28):

Fazendo massa de areia, edificando com cubos, brincando de barco, de cavalo, de trenzinho, você verá, observando seu rosto, que ela dá toda sua alma ao assunto em questão, que é tão absorvida em tudo isso quanto você em suas pesquisas sérias.

Não é difícil perceber que, frequentemente, quando as crianças brincam, agem como se estivessem num mundo imaginário - um simples pedaço de madeira se transforma em um carrinho, a casinha pode virar um castelo, uma caixa se torna um carro e assim por diante. Nesse faz-de-conta, elas têm a possibilidade de recriar e organizar emocionalmente as histórias do seu cotidiano, revivendo situações que lhe causam alegria, medo ou ansiedade. Expressar emoções difíceis de serem suportadas ajuda a superá-las.

Segundo o Referencial Curricular Para a Educação Infantil (1998, vol. 1, p. 28), a brincadeira é também uma ferramenta que auxilia o professor a conhecer melhor seus alunos:

(...) como um meio de poder observar e constituir uma visão dos processos de desenvolvimento das crianças em conjunto e de cada uma em particular, registrando suas capacidades de uso das linguagens, assim como suas capacidades sociais e dos recursos afetivos e emocionais que dispõe.

Portanto, ao proporcionar diversos espaços para as brincadeiras, o professor estará propondo novos desafios que tornarão a criança agente da sua própria aprendizagem.

O capítulo a seguir apresenta reflexões sobre a influência do espaço físico no brincar.

4. O BRINCAR A PARTIR DE UM ESPAÇO ORGANIZADO

Um ambiente acolhedor e instigante proporciona prazer em frequentá-lo. Melhor ainda se for convidativo a brincar e rico em possibilidades. O que acontece, porém, é que muitos professores, assim como eu antes do estágio, não se dão conta da importância da organização do mesmo. As crianças, muitas vezes, são culpadas pela indisciplina dentro da sala de aula, mas o que falta é um ambiente em que elas possam interagir, ter liberdade para usar sua criatividade, brincar, criar, sentindo-se estimuladas e independentes. Segundo Horn (2004, p. 15):

A discussão sobre a importância do espaço no desenvolvimento infantil tem, nas diversas correntes da psicologia, um suporte fundamental. A corrente cognitivista, por exemplo, enfatiza a função desempenhada pelas experiências espaciais primárias na construção das estruturas sensoriais das crianças.

Em uma sala de aula com cantos temáticos, refúgios, brinquedos e jogos ao alcance das crianças, a brincadeira acontece naturalmente, não é preciso o professor dizer quando é hora de brincar. Podem escolher o espaço, os brinquedos e com quem querem interagir. Sentindo-se parte do ambiente, a criança age com segurança e autonomia, fazendo suas próprias escolhas.

Ainda conforme Horn (2004, p.25):

[...] a organização do espaço físico na educação infantil em cantos, em zonas semi-abertas, possa constituir-se para alguns educadores como uma forma de controle através de arranjos espaciais, pois o professor observa e controla todas as ações das crianças sem ser o centro da prática pedagógica.

Com o espaço organizado dessa maneira, o professor não precisa interferir o tempo todo, alcançando brinquedos ou jogos, e as crianças se tornam mais autônomas.

A concepção do espaço está relacionada à concepção pedagógica, como afirma Horn (2004, p.15):

O olhar de um educador atento e sensível a todos os elementos que estão postos em uma sala de aula. O modo como organizamos materiais e móveis, e a forma como as crianças e adultos ocupam esse espaço e como interagem com ele são reveladores de uma concepção pedagógica.

Gandini (apud HORN, 2004, p.47) nos diz que:

[...] as crianças devem sentir que toda a escola, incluindo espaço, materiais e projetos, valoriza e mantém sua interação e comunicação. O espaço não deverá ser somente um local útil e seguro, mas também deverá ser agradável e acolhedor, revelador das atividades que nele as crianças protagonizam. Assim, as paredes, a disposição das salas de aula, dos corredores e das aberturas e todo o resto expressam uma concepção de educação em que o desenvolvimento da autonomia e o acolhimento às crianças andam juntos.

Mallaguzzi (apud HORN, 2004, p.40) afirma:

Em algumas escolas, as paredes, por exemplo, são usadas como espaços para exposições do que as crianças e os professores criaram, ou seja, as paredes falam e documentam um trabalho. Sua “nudez”, na verdade, também é reveladora de uma postura pedagógica que não aposta no registro e na documentação do que está sendo feito.

A sala de aula, as paredes dizem muito sobre a maneira de trabalhar do professor. Vejo que há muita preocupação com cartazes bonitos e caprichados e muito pouco com a participação das crianças. Isso mostra que o que vale é ter uma sala bonita, embora as crianças sejam meras espectadoras. Se fazem parte do ambiente, elas também precisam participar da organização e decoração dele. Trazer as vivências das crianças e expor trabalhos sobre os projetos trabalhados são atividades que devem ser valorizadas e respeitadas.

Como consta nos Parâmetros Básicos de Infra-estrutura para Instituições de Educação Infantil “O espaço físico não apenas contribui para a realização da educação, mas é em si uma forma silenciosa de educar”.

Forneiro, (apud HORN, 2004, p. 28) afirma:

Um dos critérios que devem ser considerados quando pensamos em espaços desafiadores e provocadores de interações e aprendizagens na educação infantil é a possibilidade dessa organização espacial ser transformada.

A transformação exige, além de coragem para sair da rotina, sensibilidade e conhecimentos.

Conforme Barbosa (apud HORN, 2004, p.62) “Uma das características das rotinas pedagógicas é o fato de elas conterem a ideia de repetição, de algo que resiste ao novo e que recua frente à ideia de transformar”.

A parceria do professor com o grupo de alunos possibilita o surgimento de novidades e dinamismo. De acordo com Rossetti-Ferreira (apud HORN, 2004, p. 15):

[...] não basta a criança estar em um espaço organizado de modo a desafiar suas competências; é preciso que ela interaja com esse espaço para vivê-lo intencionalmente. Isso quer dizer que essas vivências, na realidade, estruturam-se em uma rede de relações e expressam-se em papéis que as crianças desempenham em um contexto no qual os móveis, os materiais, os rituais de rotina, a professora e a vida das crianças fora da escola interferem nessas vivências.

Escutar as ideias e opiniões da turma, ver o que eles querem fazer, é um bom caminho para promover a integração da turma e a autoestima de cada um, despertando interesse e motivação.

No próximo capítulo serão abordadas as fases do desenvolvimento infantil e suas características, conforme Piaget.

5. O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA SEGUNDO PIAGET

Pensar um espaço adequado e desafiador no ambiente escolar implica conhecer as características da faixa das crianças com quem estamos trabalhando, pois, só assim, teremos condições de atender às suas reais necessidades. Piaget contribui significativamente nesse aspecto. Segundo o pesquisador (apud FELIPE, 2001), “A criança é concebida como um ser dinâmico, que a todo o momento interage com a realidade, desenvolvendo seus aspectos psicomotores, cognitivos e de interação social”. Foi um dos primeiros a considerar a criança como ela própria, com seus processos e nuances, e não um adulto em miniatura.

A seguir, com base em Felipe, (2001) um relato das fases evolutivas, chamadas por Piaget de *estágios*:

Estágio sensório-motor (0 a 2 anos aproximadamente): nesse período, a criança conquista, através da percepção e dos movimentos, todo o universo que a cerca. Suas ações são controladas por informações sensoriais imediatas, desenvolvendo a inteligência prática ou sensório-motor. O desenvolvimento físico acelerado nesse período é o suporte para o aparecimento de novas habilidades, como sentar-se e andar, o que propiciará um domínio maior do ambiente. Ao longo desse período, a criança terá condições de fazer uma diferenciação progressiva entre o seu eu e o mundo exterior. Por volta de 2 anos, a criança evolui de uma atitude passiva em relação ao ambiente e às pessoas de seu mundo para uma atitude ativa e participativa. Sua integração ao ambiente dá-se, também, pela imitação das regras. E, embora compreenda algumas palavras, mesmo no final do período, só é capaz de produzir a fala imitativa.

Estágio pré-operacional (2 a 6 anos, aproximadamente): A criança desenvolve a capacidade simbólica, já não depende unicamente de suas sensações, de seus movimentos. Consegue distinguir um significador (imagem, palavra ou símbolo) daquilo que ele significa (objeto ausente), o significado. Torna-se capaz de representar mentalmente o que ocorre no meio, priorizando alguns aspectos, numa percepção global. Não consegue estabelecer relações, é centrada em si mesma. Piaget diz que a atividade lúdica é o berço obrigatório das atividades intelectuais da

criança. Esse período caracteriza-se pelo egocentrismo, isto é, a criança ainda não se mostra capaz de colocar-se na perspectiva do outro. O pensamento pré-operacional é estático e rígido, a criança capta estados momentâneos, sem juntá-los em um todo. Pelo desequilíbrio, há uma predominância de acomodações e não de assimilações. Pela irreversibilidade, parece incapaz de compreender a existência de fenômenos reversíveis, isto é, que se fizermos certas transformações, somos capazes de restaurá-las, fazendo voltar ao estágio original, como por exemplo, a água que se transforma em gelo e que, aquecendo-se volta à forma original.

Estágio operatório concreto (dos 8 aos 12 anos aproximadamente): a criança consegue abstrair dados da realidade. Desenvolve noções de tempo, espaço, velocidade, ordem, casualidade sendo capaz de relacionar diferentes aspectos, porém, depende ainda do mundo concreto para chegar à abstração.

Estágio operatório formal (dos 12 aos 15 anos aproximadamente): a criança tem, nesse período condições plenas de representação e abstração. Busca soluções a partir de hipóteses e não apenas pela observação da realidade. Suas estruturas cognitivas alcançam o nível mais elevado de desenvolvimento e tornam-se aptas a aplicar o raciocínio lógico.

Fica evidente, pelas descrições acima, a necessidade de conhecimento que têm os profissionais da Educação. Cada faixa etária possui características diferenciadas, requerendo assim, espaços e brinquedos adequados. Será frustrante e até perigoso oferecer, por exemplo, pequenas peças de encaixe para o Berçário.

Enquanto os pequenos necessitam de áreas onde podem correr e saltar, para os maiores, esse espaço já pode ser reduzido, pois já conseguem se concentrar por mais tempo em atividades manuais e de faz-de-conta que requerem pouca movimentação.

Horn (2004, p.17):

Considerando que cada estágio do desenvolvimento representa um sistema de comportamentos, é na relação com o ambiente que o indivíduo assume determinadas ações, considerando os recursos e as competências que já desenvolveu.

É importante termos consciência de que as crianças, passando por diferentes estágios de desenvolvimento, terão, por seguinte, necessidades diversas também em relação ao meio no qual estão inseridas. Portanto, saber observar os alunos é fundamental, assim como, valorizar as experiências e conhecimentos que trazem de casa.

Respeitar as características e valorizar os conhecimentos que o aluno possui, bem como seus interesses, possibilitará uma aprendizagem significativa. Expor os trabalhos que produzem é uma forma de valorizá-los, tornando o espaço único, cheio de vida e significados, além de reforçar a identidade.

Não só as experiências de vida, mas as vivências dentro da sala de aula acarretarão muitas mudanças na vida de cada um.

Malaguzzi (apud HORN, p. 101):

(...) afirma que o modo como nos relacionamos com as crianças influencia o que as motiva e o que aprendem. O ambiente deve ser preparado de modo a interligar o campo cognitivo com os campos do relacionamento e da afetividade. Portanto, deve haver também conexão entre o desenvolvimento e a aprendizagem, entre as diferentes linguagens simbólicas, entre o pensamento e a ação e entre a autonomia individual e interpessoal.

As escolas da região de Reggio Emilia, norte da Itália, são referência em aspectos como respeito ao aluno e organização do espaço. Esse é planejado e estabelecido para facilitar encontros, interações e trocas entre as crianças, garantindo o bem estar de cada um e do grupo como um todo. Como se fosse uma rede de cooperação e interação, a família é muito presente nas escolas. Há uma grande atenção com os meios de intensificar os relacionamentos, buscando que todos os envolvidos tornem-se mais unidos e conscientes das contribuições uns dos outros.

São realizadas reuniões com as famílias para discutir projetos e pesquisas, para organizar jantares e celebrações na escola e, além disso, as participam das organizações das atividades, na organização do espaço e na construção de móveis e brinquedos.

Vale considerar que atitudes de indiferença e violência que são, cada vez mais, parte da vida social, pouco ocorrem em escolas de Reggio Emilia. Para tudo isso contribui uma educação baseada no relacionamento e na participação.

“As crianças devem sentir que toda a escola, incluindo espaço, materiais e projeto, valoriza e mantém sua interação e comunicação”. Rinaldi (apud EDWARDS, GANDINI e FORMAN, 1999, p.147). Valorizar cada criança, reforçando o seu senso de identidade, para que se sinta confortável e com autoconfiança, lhe permitirá participar das atividades da escola com entusiasmo. Participando das atividades, estará debatendo e dialogando a partir do seu próprio modo de pensar, e ao mesmo tempo, ampliando e modificando suas ideias.

De acordo com Malaguzzi “O que as crianças aprendem não ocorre como um resultado automático do que lhes é ensinado. Ao contrário, isso se deve em grande parte à própria realização das crianças como uma consequência de suas atividades e de nossos recursos”.

Ainda Malaguzzi (apud, EDWARDS, GANDINI e FORMAN, 1999, p.157):

Valorizamos o espaço devido a seu poder de organizar, de promover relacionamentos agradáveis entre pessoas de diferentes idades, de criar um ambiente atraente, de oferecer mudanças, de promover escolhas e atividade, e a seu potencial para iniciar toda a espécie de aprendizagem social, afetiva e cognitiva. Tudo isso contribui para uma sensação de bem-estar e segurança nas crianças. Também pensamos que o espaço deve ser uma espécie de aquário que espelhe as ideias, os valores, as atitudes e a cultura das pessoas que vivem nele.

6. DIFERENTES OLHARES SOBRE A PRÁTICA

6.1 Relatos de profissionais da Educação Infantil

As seis professoras entrevistadas valorizam a hora do brincar, afirmando que esse é também um momento muito apreciado pelas crianças. A seguir, algumas opiniões:

“A hora do brincar é um momento mágico e descontraído, onde os alunos usam e abusam da imaginação e da criatividade” - Violeta.

“Brincar em sala de aula é um espaço de organização, construção do conhecimento e habilidades...” - Orquídea.

“A hora do brincar é uma hora de descontração e de alegria para as crianças” - Cravo.

A professora Rosa, que atua no Berçário, ressalta uma situação não mencionada pelas demais: “Devido às idades muito diferentes, o brincar é complicado porque há necessidade de cuidá-los; alguns somente sentam-se, outros engatinham e muitos já caminham”.

Segundo os depoimentos, as crianças têm liberdade para escolher os brinquedos, que são disponibilizados sobre o tapete ou em lugares acessíveis da sala. Podem agrupar-se de acordo com os interesses e atuar livremente. As educadoras costumam interferir nos momentos de conflito ou quando alguém está sem brincar:

“As crianças vão chegando e se enturmam de acordo com o interesse pelos brinquedos da sala ou que trazem de casa (...). Só intervenho quando solicitam (momentos de conflito) ou quando percebo que alguém está sem brincar” - Margarida.

Há contravérsias quanto à organização do espaço na escola onde atuam:

“Os espaços são bem organizados, mas poderia ter mais opções de brinquedos para os alunos usarem” - Jasmim.

“O espaço na escola é muito restrito. Sinceramente, a organização fica muito a desejar” - Rosa.

“A organização do espaço da escola é boa, onde tem diversos ambientes com atrações diversificadas” - Cravo.

“Considero razoável: temos gramado, pracinha, brinquedos variados na área coberta, mas falta sombra e uma boa caixa de areia” - Margarida.

Percebe-se a importância dada ao espaço do brincar. São considerados aspectos como quantidade e diversidade de brinquedos, bem como, o conforto a ser oferecido às crianças nesse momento. De acordo com Musatti (apud HORN, 2004, p.56) “A qualidade e a organização do espaço e do tempo no cenário educacional podem estimular a investigação, fazendo a criança se sentir parte integrante do ambiente”.

Todas as entrevistadas afirmam que a organização do espaço influencia diretamente na interação entre as crianças:

“Sem dúvida alguma, a organização do espaço escolar influencia muito nas interações entre os educandos” - Violeta.

“(…) quanto melhor estiver organizado o espaço, voltado ao interesse e às necessidades das crianças, melhor será a interação” - Margarida.

“(…) os alunos precisam ter um espaço amplo para brincar e interagir. Acredito que quanto menor o espaço, eles ficam incomodados e os conflitos ocorrem com mais frequência” - Jasmim.

Novamente, temos ressaltada a importância do espaço, considerado fundamental para o desenvolvimento de interações harmoniosas e construtivas. Como afirma Horn (2004, p.28) “É no espaço físico que a criança consegue estabelecer relações entre o mundo e as pessoas, transformando-o em um pano de fundo no qual se inserem emoções”. Percebe-se que há consonância entre a opinião dos teóricos e dos profissionais.

A organização da sala de aula em cantinhos temáticos é bem vista por todas as professoras:

“São muito importantes, pois permitem que as crianças circulem de acordo com os interesses que possuem” - Margarida.

“Os cantinhos temáticos são importantes para que as crianças localizem os diferentes espaços e para que as brincadeiras não se tornem repetitivas” - Cravo.

“Além de embelezar a sala de aula, torna um ambiente agradável, dinâmico e lúdico, como também alegre e acolhedor que facilitam consideravelmente as múltiplas aprendizagens, a imaginação, a criatividade, a capacidade de se localizar no tempo e no espaço” - Violeta.

Podemos perceber que as entrevistadas acreditam que os cantinhos temáticos trazem muitos benefícios, considerando os interesses dos alunos e as aprendizagens que ocorrem a partir das brincadeiras. Campos de Carvalho e Rubiano (apud HORN, 2004, p. 40) afirmam:

[...] essa organização proporciona às crianças uma visão fácil de todo o campo de ação, incluindo a localização do adulto e das demais crianças. Além disso, o espaço, assim organizado, favorece interações entre crianças, promovendo a identidade pessoal, o desenvolvimento de competências e habilidades e, por conseguinte, a construção da autonomia moral e intelectual.

A maioria das professoras acredita que a organização do espaço diminui a indisciplina dentro da sala de aula:

“Quando a sala de aula está organizada, os alunos tem mais facilidade para brincar e cuidar dos brinquedos, diminuindo os conflitos e a bagunça” - Jasmim.

“Se o aluno está envolvido com os diversos espaços e com brinquedos do seu interesse dificilmente será indisciplinado em sala de aula” - Orquídea.

“Sim, porque as crianças têm mais opções, podem trocar de ambiente e diversificar as brincadeiras. Isso evita o tédio e a indisciplina” - Margarida.

Somente uma das professoras acredita que não:

“A indisciplina é um fator que não pode ser medido através de uma organização espacial. É um fator de ordem ampla que envolve outros fatores que podem ser determinantes ou de ordem emocional” - Violeta.

Não discordo de Violeta que a indisciplina vem de outros fatores, mas vivenciei esta experiência e posso afirmar que, quando o espaço está organizado de acordo com os interesses e necessidades da turma, eles se envolvem nesse ambiente, querem usufruir dele e aproveitar o quanto puderem. Com um ambiente assim, não sobra oportunidade, por exemplo, para a criança correr dentro da sala de aula. Claro que as crianças ainda aprontam as suas travessuras, afinal são crianças, mas a organização do espaço colaborou muito para a diminuição da indisciplina na turma onde atuo.

Com estas entrevistas, foi possível perceber que as professoras da Educação Infantil valorizam o espaço escolar, bem como, o momento de brincar, o qual veem como um momento de alegria, trocas, aprendizagens. Também se pode perceber que há diferentes opiniões sobre o espaço escolar onde atuamos. O que para uma turma é bom, para a outra deixa a desejar.

Enfim, todas as profissionais demonstraram um olhar crítico e ao mesmo tempo sensível sobre o momento de brincar, os espaços da escola, os cantinhos temáticos e a indisciplina na sala de aula, mostrando que são professoras que sabem que suas ações têm grandes repercussões tanto no ato educativo, como nos relacionamentos.

“É fundamental a criança ter um espaço povoado de objetos com os quais possa criar, imaginar, construir e, em especial, um espaço para brincar, o qual certamente não será o mesmo para as crianças maiores e menores”. (HORN, 2004, p.19)

6.2 Concretizando mudanças

Partindo dos registros realizados durante o estágio curricular obrigatório, destacarei alguns fatos que considere relevantes:

Na primeira semana de estágio refleti muito sobre a minha prática pedagógica, pois esse era momento de mudar, arriscar, inovar.

“Nesta semana ocorreram muitas mudanças, a começar pela sala e pelas minhas atitudes, quanto à autonomia das crianças”. (Diário de campo-1ª semana).

Comecei na segunda-feira, fazendo algumas mudanças na sala, após receber dicas da professora Gládis:

“Antes os livrinhos ficavam em uma prateleira, fora do alcance das crianças, colocava sobre a mesinha para eles escolherem. Agora pegamos, eu e a colega da tarde que divide sala comigo, outra prateleira que possui várias repartições, colocamos livrinhos, revistas, jornais e livros didáticos antigos. Também colocamos um tapete e pedi para os pais almofadas. Vamos ver se conseguimos, por enquanto não recebemos nenhuma. Também pedi para as crianças e para os pais fantasias, roupas, bolsas, chapéus, que não ocupam mais, pois não tínhamos nenhuma fantasia na sala. No outro dia após o pedido, uma aluna trouxe dois vestidos, e estes foram muito disputados, durante a semana recebemos mais coisas, chapéus, bolsas, vestidos”. (Diário de campo - 1ª semana)

Esses passos foram dados para transformar a nossa sala em um ambiente mais organizado, interativo e rico em possibilidades.

“Foi ótimo, percebi que, principalmente as meninas estão fantasiando mais, brincando de casinha, de mamãe e filhinha, estão se arrumando para passear, para trabalhar etc”. (Diário de campo -1ª semana).



Foto 3: Alguns alunos brincando de casinha

Segundo Forneiro (apud HORN, 2004, p.35) o ambiente “fala”, transmite-nos sensações, evoca recordações, passa-nos segurança ou inquietação, mas nunca nos deixa indiferentes.

“Aos poucos, estou fazendo algumas modificações, mas que estão dando ótimos resultados”. (Diário de campo -1ª semana).

Após a organização do cantinho da leitura, foi tão bom ver eles aconchegados no tapete e entre as almofadas lendo um livrinho, uma revista, um jornal. Observando-os durante as brincadeiras, percebi que quando queriam ficar mais juntinhos e reservados com determinado grupo, procuravam este espaço, o qual passou a ser o preferido de muitos.



Foto 4: Cantinho da leitura

O salão de beleza, tão adorado pelas meninas, onde se maquiavam e penteavam, fazendo vários penteados oportunizou se conhecerem melhor, percebendo os diferentes gostos. Eu também pude participar de alguns momentos nesse espaço, o que permitiu uma certa afetividade entre ambos os lados. Acredito que interações como essas, fazem com que as crianças percebam que o professor é seu amigo e as valorizam, tornando o ambiente mais alegre e prazeroso, pois o professor não pode ser visto como aquele que só reprime e exige, afinal ele está ali para auxiliar e interagir, conhecendo as características de cada criança, e para isto, nada melhor do que participar das suas brincadeiras.



Figura 5: Salão de Beleza

Além da sala de aula e do ambiente escolar, percebi que outros espaços precisavam ser explorados:

Fomos fazer um passeio e, pertinho da escola, já avistamos uma construção (...). Conversamos com o pedreiro, que não estava usando equipamento de segurança. As crianças contaram para ele que estavam fazendo uma casinha na sala, só que ele estava com pressa, não quis dar muita conversa. Bem rápido falou o que estava fazendo (rebocando), e o que estava usando (colher, cimento). Questionei as crianças se nós iríamos poder rebocar a nossa casinha da sala. Alguns falaram que sim, outros que não. Ficamos observando o trabalho dos pedreiros por um tempinho. (Diário de campo - 4ª semana).

Essa atividade proporcionou ricas aprendizagens, pois as crianças puderam vivenciar um momento sobre o assunto que estávamos trabalhando.

Eu fiquei encantada com a vontade de brincar que as crianças apresentaram e a autonomia que aos poucos foram construindo. Hoje, elas escolhem onde querem brincar, na hora de guardar, geralmente deixam a sala arrumadinha, principalmente a casinha, cuidam dos brinquedos e a hora de brincar ficou muito mais tranquila.

Concluo o estágio totalmente diferente, com idéias, pensamentos, conhecimentos novos e ampliados. Posso dizer que o maior de todos eles, foi valorizar mais a hora de brincar e também ter um olhar diferenciado para o espaço escolar. (Diário de campo - 9ª semana).

Sou testemunha de que um espaço bem organizado só traz benefícios para todos que fazem parte dele. A minha concepção sobre espaço mudou, as minhas atitudes mudaram e isso se refletiu positivamente no comportamento dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há mais de três séculos, a infância vem sendo considerada um período importante e, até decisivo, da vida humana. Compreende a fase do 0 aos 12 anos, é objeto de muitos estudos e as crianças têm seus direitos resguardados em diretrizes nacionais.

Fatores de ordem econômica e social trouxeram o espaço coletivo – as creches – atualmente chamadas de Escolas de Educação Infantil, que dividem com as famílias a responsabilidade de cuidar e educar as crianças de 0 a 6 anos.

A concepção desse ambiente coletivo tem evoluído, seguindo a tendência da educação em geral. Se antes era visto apenas como o espaço do “cuidar”, atualmente é tido como o espaço do “cuidar” e do “educar”, exigindo estudo e aprimoramento dos profissionais da área.

Estudiosos do comportamento humano defendem a indissociabilidade da infância e do brincar – uma necessidade imprescindível da criança. Apontam inúmeros benefícios que traz essa atividade espontânea: desenvolvimento físico, mental, afetivo e emocional, entre outros; função terapêutica, à medida que possibilita a elaboração de experiências difíceis vivenciadas no dia-a-dia; fornecimento de informações aos adultos sobre aspectos do desenvolvimento da criança.

Foi possível perceber, através das entrevistas realizadas, que o momento do brinquedo livre é também respeitado e valorizado pelas professoras, demonstrando que a prática está de acordo com a teoria. Questiona-se, então, sobre como facilitar esse momento e torná-lo ainda mais prazeroso - a organização do espaço assume função primordial.

Pesquisadores defendem a organização do espaço de forma adequada a atender aos interesses e necessidades das crianças, o que, muitas vezes, não corresponde aos padrões estéticos dos adultos, principalmente no que se refere à decoração. As professoras entrevistadas mostraram-se receptivas a essa ideia e as observações realizadas em sala de aula, diretamente com as crianças, comprovaram o quanto um espaço organizado bem planejado é benéfico.

O cuidado e a atenção com os espaços são capazes de transformar vidas. O que eu e meus alunos modificamos na sala de aula trouxe muitas mudanças, principalmente na hora do brincar. Sei que estas mudanças refletirão no futuro dos meus alunos e o que fiz, os auxiliou a se tornarem crianças mais felizes, autônomas, criativas...

Essas transformações também tiveram impacto dentro da escola, com os colegas de trabalho e com os pais. Isso mostra que o nosso ambiente, pode e quem sabe já está motivando outros a também realizarem transformações.

Logo, os objetivos desta pesquisa foram alcançados. Teoria e prática confirmaram a hipótese inicial da relevância do tema e suscitaram uma nova reflexão: a necessidade de conhecimentos do educador. É preciso saber observar e analisar os alunos, conhecer as características da faixa etária em que se encontram para oferecer-lhes ambiente e objetos adequados. Acima de tudo, precisamos ter sensibilidade e coragem para efetuar as mudanças necessárias.

O professor tem em suas mãos o poder de transformar, suas atitudes influenciam completamente a construção das aprendizagens, sejam elas no campo cognitivo ou nos campos do relacionamento e da afetividade. Por isso, um ambiente além de ser atraente, precisa promover relacionamentos agradáveis e sensação de bem-estar e segurança.

É muito satisfatório concluir que, além de proporcionar mudanças positivas, o presente trabalho auxiliou, não só colegas, mas também os pais a perceberem que o espaço na Educação Infantil deve ser bem pensado e organizado, já que influencia diretamente na vida de nossos maiores interessados: as crianças – motivo principal que nos faz seguir em frente, evoluindo e transformando.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros básicos de infra-estrutura para instituições de educação infantil**: Encarte 1. Brasília: MEC, SEB, 2008.

BRASIL, **Referencial Curricular Para a Educação Infantil**. Vol. 1. Brasília: MEC/SEI, 1998.

FANTIN, Mônica. **Jogos e brinquedos e brincadeiras – A cultura lúdica na educação infantil**. In: Síntese da qualificação da educação infantil. Florianópolis: Prefeitura Municipal de Florianópolis. Secretaria Municipal de Educação: 2000.

GANDINI, Lella. Espaços Educacionais e de Envolvimento Pessoal. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Réggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda., 1999.

HORN, Maria da Graça de Souza. **Sabores, cores, sons, aromas. A organização dos espaços na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Estágios de desenvolvimento. Disponível em: penta.ufrgs.br/~marcia/estagio.htm
Acesso em 21Nov. 2010.

FERREIRA, Roselina Gomes. **A teoria e as orientações do Referencial da Educação Infantil.** 2008. Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/11903/1/A-Importancia-de-Brincar-na-Educacao-Infantil/pagina1.html#ixzz13U9rg5el> Acesso em 28 Out. 2010.

HAMZE, Amélia. **Jardins de infância, viveiros infantis.** Disponível em: <http://www.educador.br/brasilecola.com/gestao-educacional/jardins-de-infancia.htm> Acesso em 21 Nov. 2010.

HANK, Vera Lucia Costa. **O espaço físico e sua relação no desenvolvimento e aprendizagem da criança.** 2006. Disponível em: <http://www.meuartigo.br/brasilecola.com/educacao/o-espaco-fisico-sua-relacao-no-desenvolvimento-aprendizagem-.htm> Acesso em 28 Out. 2010.

ROCHA, Rita de Cássia Luiz da. **História da infância: reflexões acerca de algumas concepções correntes.** Disponível em: <http://www.unicentro.br/editora/revistas/anacleto/v3n2/artigo%204%20hist%20da%20infancia.pdf>. Acesso em 21 Nov. 2010.

APÊNDICE A

Questões:

- 1- Como é a hora do brincar em sua sala de aula?
- 2- Como você vê a organização do espaço em sua escola?
- 3- Em sua opinião, a organização do espaço traz influências nas interações entre as crianças?
- 4- Para você, qual a importância dos cantinhos temáticos?
- 5- Você acredita que a organização do espaço diminui a indisciplina dentro da sala de aula?